

## Nota de Apresentação

MARIA ANTÓNIA LOPES

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

lopes.mariantonia@gmail.com

Os quotidianos e a vida privada, que tanto se distinguem como se entrecruzam, continuam a merecer aprofundamento, apesar de já há muito terem entrado nos domínios da História. Assim sendo, o Conselho de Redação da *Revista Portuguesa de História* decidiu dedicar-lhes o volume 47, convidando a comunidade científica a propor trabalhos sobre práticas quotidianas privadas e públicas de índole material, social ou cultural e sobre atitudes, comportamentos e sentimentos da intimidade, convocando permanências, mutações e singularidades. Sendo um campo da História que me é muito caro e que desde sempre trabalhei, foi com gosto e entusiasmo que organizei este volume. Muito embora, como coordenadora científica que tem de escolher avaliadores, a função inviabilizasse a possibilidade de participar com um trabalho.

Buscar práticas, atitudes, comportamentos e sentimentos de pessoas concretas – homens e mulheres de distintos grupos sociais – é território de pesquisa que lida com lógicas individuais inseridas em modelos estruturais, lógicas essas que, por sua vez, ajudam a detetar, caracterizar e compreender tais padrões, mas que também os vão moldando, num movimento de interinfluência contínuo. Centrar a análise nos indivíduos, sem nunca esquecer o seu meio, pode ser uma abordagem que permite suplantar não apenas uma história que se interessa só por grande personagens e por instituições, mas também certa história de estruturas e processos macroeconómicos, macrosociais e macroideológicos, quantas vezes em absoluto desumanizada, como se a História não estudasse as pessoas e como se estas fossem autómatos conduzidos sem margem de escolha por uma qualquer superestrutura. Creio, portanto, que a historiografia tem muito a ganhar se cultivar cada vez mais o cruzamento de diferentes escalas de observação e de análise.

Com o estudo dos quotidianos e da vida privada, imbricam-se a micro-história, a reabilitação historiográfica da biografia, os progressos patenteados pelos especialistas em história da cultura material, a qual visa, como todas as disciplinas da História, compreender os seres humanos – neste caso através da sua relação com os objetos – e não estabelecer listas de artefactos. A história dos

quotidianos e da vida privada exige, na verdade, um grande esforço de vigilância epistemológica para não cair na mera descrição ou mesmo futilidade. O que não invalida que se estudem comportamentos que poderemos considerar frívolos, mas interdita que o historiador o seja. Nunca o será, porém, se a futilidade de indivíduos ou grupos for contextualizada e interpretada, apondo significado ao que parece insignificante, porque assim se contribuirá para o avanço do conhecimento e compreensão das atitudes de quem nos precedeu no tempo. E, por estranho que pareça, ainda é necessário reafirmar que história da vida privada não é história das mulheres, como se estas não houvessem tido sempre uma dimensão de vida pública e como se os homens não agissem, pensassem e sentissem em privado.

Como se antevia, a chamada de artigos para este volume monográfico foi um êxito, traduzindo-se no elevado número de propostas recebidas. Outros investigadores, ainda, desejaram participar com trabalhos que não se inseriam no tema escolhido. Porque não quisemos prescindir da secção *Varia*, apesar de tal opção implicar aumentar a dimensão do volume, aceitou-se sujeitar essas propostas a avaliação. Aí se encontram, pois, três artigos, curiosamente todos do mesmo período cronológico. Completa esta secção um texto evocativo da obra de Henrique da Gama Barros, a que se segue uma recensão crítica e a lista das publicações recebidas pela *Revista Portuguesa de História*.

Para o *Dossier temático* foram aprovados 20 trabalhos, respeitantes às épocas medieval (um), moderna (catorze) e contemporânea (cinco), provenientes de Portugal (doze), Espanha (cinco) e Brasil (três). O conjunto de artigos que se inserem no objeto historiográfico deste volume, muito rico pela sua diversidade geográfica, temporal, temática, documental e metodológica, percorre territórios que vão das crenças religiosas e dos saberes científicos ao enquadramento material das populações; dos quotidianos camponeses aos da aristocracia e do clero secular e regular; das práticas espirituais privadas às de sociabilidade das elites políticas e culturais; das vidas dos cristãos novos mais ou menos inseridos na sua cidade aos dias de mulheres recolhidas e de freiras com as suas escravas e aos hospitalizados e crianças asiladas; das questões matrimoniais, tanto na alta aristocracia como no universo popular, à vida a bordo nos navios em viagem para as terras do Império, às fortunas que por lá se fizeram e se transferiram para a metrópole ou se disputaram entre a parentela da colónia.

São, pois, “os trabalhos e os dias”, as crenças e devoções, as ambições e os litígios, a saúde, a doença e a morte que tudo leva, mas pode deixar atrás de si “fortuna e ressentimento”. E deixa, também, rastros de vidas.

A todos os autores que aqui as recuperaram e a todos os avaliadores, que tanto contribuíram para enriquecer as análises e interpretações propostas, o meu obrigada.

Coimbra, 15 de julho de 2016